

ADRIANA SILVINA PAGANO
(Organizadora)

Melissa
21/11/2003

**METODOLOGIAS DE
PESQUISA EM
TRADUÇÃO**

FALE-UFMG
Belo Horizonte
2001

Série Estudos Lingüísticos: volume 3
Realização: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos
Lingüísticos (FALE-UFMG)
Apoio: Departamento de Letras Anglo-Germânicas (FALE-
UFMG)

Conselho Editorial

Adriana S. Pagano
Célia Maria Magalhães
Edson Nascimento Campos
Fábio Alves da Silva Júnior
Hugo Mari
Ida Lúcia Machado
José Olímpio Magalhães
Maria Antonieta Cohen
Maria Cristina Magro
Vera Lúcia Menezes
Yara Goulart Liberato

Ficha Catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da FALE/UFMG

M593 Metodologias de pesquisa em tradução /
Adriana Silvina Pagano (organizadora). –
Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.
172p. : il. – (Estudos lingüísticos; 3)

ISBN : 85-87470-22-5

1.Tradução e interpretação. I. Pagano,
Adriana Silvina. II.Série.

CDD : 418.02

Sumário

| | |
|--|-----|
| Agradecimentos | 5 |
| Apresentação | 7 |
| Capítulo 1 | |
| Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais <i>José Luiz Vila Real Gonçalves</i> | 13 |
| Capítulo 2 | |
| Medidas em tempo real para estudos experimentais em tradução: explorando o programa <i>Translog</i> <i>Rui Rothe-Neves</i> | 41 |
| Capítulo 3 | |
| A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução <i>Fábio Alves</i> | 69 |
| Capítulo 4 | |
| Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de <i>corpora</i> <i>Célia M. Magalhães</i> | 93 |
| Capítulo 5 | |
| As pesquisas historiográficas em tradução <i>Adriana Silvina Pagano</i> | 117 |
| Capítulo 6 | |
| Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados <i>Carlos Gohn</i> | 147 |
| Sobre os autores | 171 |

Capítulo 1

PESQUISAS EMPÍRICO-EXPERIMENTAIS EM TRADUÇÃO: OS PROTOCOLOS VERBAIS

José Luiz Vila Real Gonçalves

Dentre os métodos de introspecção disponíveis para a coleta de dados em pesquisas empírico-experimentais, a técnica de protocolos verbais (também denominados protocolos de pensamento em voz alta) revela-se hoje como de grande potencial para o exame do processo de tradução. Incorporada recentemente pelos Estudos da Tradução, essa técnica é utilizada há algum tempo por alguns ramos das ciências humanas, principalmente pela Psicologia e, há menos tempo, também pela Linguística, apresentando resultados bastante elucidativos no estudo de processos cognitivos.

Para começar nossa abordagem dessa técnica, vejamos a definição de protocolo verbal elaborada por Pamela Gerloff (GERLOFF, 1987:137):

Um protocolo de pensamento em voz alta é uma descrição passo a passo dos próprios pensamentos e comportamentos que um indivíduo apresenta durante a execução de uma tarefa específica.¹

¹ Minha tradução de: "A think-aloud protocol is a moment-by-moment description which an individual gives of his or her own thoughts and behaviours during the performance of a particular task".

Complementando essa definição, FÆRCH e KASPER (1987:9) explicam a natureza dos métodos de introspecção (dentre os quais se incluem os protocolos verbais), além de apresentarem um importante argumento a seu favor:

Um denominador comum para os métodos em questão [os métodos de introspecção] é que os dados por eles utilizados são as assertivas dos próprios informantes sobre o modo pelo qual organizam e processam as informações, como uma alternativa ou suplemento, a fim de inferirem-se seus pensamentos a partir de eventos comportamentais.²

Em linhas gerais, esta técnica consiste basicamente em o sujeito verbalizar todas as suas impressões, enquanto executa alguma tarefa, explicitando, assim, tomadas de decisão e estratégias de solução de problemas. O objetivo dessa metodologia é tentar inferir alguns mecanismos ou processos cognitivos através das respectivas verbalizações. Como destacam FÆRCH e KASPER, acima, o fato de o sujeito comentar e refletir sobre o modo como processa e organiza as informações mostra-se um valioso subsídio para o estudo de processos cognitivos. Assim, os protocolos verbais utilizam-se de manifestações metacognitivas para abordarem processos cognitivos. Essas manifestações metacognitivas possibilitam a apreensão de algumas importantes características dos processos investigados, as quais, certamente, não seriam percebidas através, apenas, da interação da subjetividade do pesquisador com os produtos finais daqueles processos. Assim, os protocolos verbais permitem maior aproximação e confiabilidade em relação ao entendimento dos processos do que as abordagens que se valem somente da análise de produtos (textos, traduções, etc).

Este capítulo pretende descrever e discutir a aplicação e a eficácia dos protocolos verbais como ferramenta de coleta de dados através de uma pesquisa realizada por mim, a qual inves-

² Minha tradução de: "One common denominator for the methods in question is that they use as data, informants' own statements about the ways they organize and process information, as an alternative or supplement to inferring their thoughts from behavioural events".

tigou processos inferenciais implementados por tradutores profissionais e em formação durante um experimento envolvendo a tradução de legendas de filmes (GONÇALVES, 1998).

Para melhor entendimento desta metodologia, serão abordados alguns artigos da obra *Introspection in second language research*, editada por FÆRCH & KASPER (1987), uma vez que aqueles trabalhos apresentam argumentos relevantes a favor do uso da técnica de protocolos verbais como método de coleta de dados para pesquisas que pretendem investigar processos relativos ao uso de segunda língua. É importante mencionar que existem, igualmente, críticas e ressalvas em relação a estes métodos. Estas serão abordadas e comentadas também neste capítulo, adiante, na seção *Protocolos verbais: críticas versus validade*.

Do produto ao processo: o uso de métodos de introspecção por FÆRCH & KASPER

No artigo "From product to process: introspective methods in second language research", FÆRCH e KASPER comentam que a pesquisa em segunda língua evoluiu nos últimos anos em direção à maior compreensão dos microprocessos de uso e de aprendizagem/aquisição de língua, objetivando um melhor entendimento dos diferentes estágios de competência lingüística subjacente aos respectivos estágios de desempenho. Aos diferentes estágios de competência, aqueles autores denominam competência interlingüística, ou *interlanguage*. Para eles, "uma das grandes tarefas da pesquisa em segunda língua é reconstruir o desenvolvimento da *interlanguage* (IL) dos aprendizes, isto é, determinar os seus diferentes estados de competência"³ (FÆRCH & KASPER, 1987:5).

FÆRCH & KASPER também argumentam que a utilização dos métodos de introspecção possibilitou maior aproximação dos microprocessos de uso e aprendizagem de língua e, conse-

³ Minha tradução de: "One major task for SL research is to reconstruct learners' interlanguage (IL) development, i.e. to determine their changing states of competence [...]".

qüentemente, da competência lingüística e interlingüística. O foco mudou da análise do desempenho do sujeito por uma fonte externa àquele indivíduo (o lingüista, por exemplo) para a análise metacognitiva feita pelo próprio sujeito. Assim, com a utilização da técnica de protocolos de introspecção, o sujeito passou a fornecer uma série de dados que jamais seriam obtidos através da mera análise de produtos, uma vez que “reconstruir fenômenos não observáveis a partir de dados de desempenho sempre implicará situações em que a ambigüidade entre o produto e o processo não pode ser resolvida.”⁴ (FÆRCH & KASPER, 1987:9).

FÆRCH e KASPER apresentam, naquele mesmo trabalho, uma detalhada tipologia para classificar os protocolos verbais. Eles propõem critérios de classificação para os diferentes métodos de introspecção a partir de estudos anteriores: ERICSSON & SIMON (1980 e 1984), HUBER & MANDL (1982), COHEN & HOSENFELD (1981) e COHEN (1984). Assim, são propostas seis macro-categorias para a classificação dos métodos de introspecção: (1) Objeto de introspecção: este pode ser um aspecto cognitivo, afetivo ou social; (2) +/- relação com a ação concreta: o que é verbalizado/descrito pode ter uma relação mais ou menos direta com a tarefa executada; (3) relação temporal com a ação: a introspecção pode ser simultânea (fala-se/descreve-se a ação ao mesmo tempo em que esta é executada), consecutiva (alterna-se entre a execução e a verbalização/descrição da ação) e retrospectiva (a verbalização/descrição da ação ocorre após o término de toda a tarefa, algumas vezes havendo um lapso de tempo relativamente longo entre elas); (4) +/- treino do sujeito: pode-se preparar (em maior ou menor grau) o sujeito a fim de sensibilizá-lo para a relevância da verbalização/descrição da ação a ser executada e também a fim de reduzir a sua censura interna, direcionando-o para um determinado padrão de verbalização/descrição; (5) procedimento de incentivo à verbalização: o pesquisador pode incentivar a verbalização/descrição da

⁴ Minha tradução de: “... reconstructing unobservable phenomena from performance data will always entail situations where the ambiguity between product and process cannot be solved”.

ação de forma mais ostensiva ou deixar que o sujeito proceda de forma mais subjetiva, a fim de que haja uma menor interferência da verbalização/descrição sobre a ação; e (6) combinação dos métodos: utilização de protocolos não só simultâneos e consecutivos, como também retrospectivos (entrevistas e questionários).

Para que esta classificação seja mais bem compreendida, ela será avaliada em relação ao método de introspecção utilizado na coleta de dados da pesquisa por mim desenvolvida, o qual será descrito pormenorizadamente em uma seção posterior deste capítulo.

A seguir, são apresentadas discussões desenvolvidas em dois outros artigos contidos na obra editada por FÆRCH & KASPER (1987), que destacam a validade e a contribuição dos protocolos verbais para pesquisas na área dos estudos da linguagem.

O planejamento cognitivo na tradução por HÖLSCHER e MÖHLE

No artigo “Cognitive plans in translation”, Anke HÖLSCHER e Dorothea MÖHLE destacam que a mudança do foco, na pesquisa lingüística, da descrição dos sistemas lingüísticos para a busca do entendimento dos processos subjacentes à produção e à recepção proporcionou a valorização das investigações voltadas para o processamento de informações e para a resolução de problemas determinados por processos de planejamento consecutivo (cf. WILENSKY, 1981, *apud* HÖLSCHER & MÖHLE, 1987). Deste modo, as autoras destacam que os protocolos verbais são um instrumento eficiente no estudo desses processos, que, apesar de não possibilitarem o acesso direto a eles, permitem que sejam inferidos.

Observam, também, que a complexidade da produção na tradução, em termos de planejamento, é bastante restrita em relação à produção normal na fala, uma vez que se deve buscar na língua de chegada uma versão mais próxima possível do texto de partida. As restrições, em relação à produção, aumentam a cons-

ciência do sujeito para os processos de planejamento, o que facilita o relato verbal. Além disso, para o pesquisador, a existência de um texto de partida proporciona uma certa transparência dos processos de planejamento.

A identificação da unidade de tradução: um estudo piloto por GERLOFF

Pamela Gerloff, no artigo "Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data", comenta que ainda se sabe muito pouco a respeito dos processos cognitivos subjacentes à tradução. Ela observa que a literatura em tradução aborda importantes questões relacionadas à sua definição, prescrição, avaliação e ao treinamento de tradutores, além de algumas tentativas de descrição em busca da explicação do processo tradutório. Entretanto, apesar da vasta literatura na área, GERLOFF afirma que pouco se sabe a respeito do processo propriamente dito. Para ela, esta limitação deve-se às metodologias usadas nas pesquisas em tradução, que, geralmente, "se apóiam [...] em medidas externas de fenômenos internos ou em observações de terceiros sobre produtos lingüísticos."⁵ (GERLOFF, 1987:136). Assim, aquela autora explica a dificuldade para o desenvolvimento de uma teoria de tradução viável, reiterando que existem poucas informações sobre os processos tradutórios propriamente ditos. A partir de tal constatação, ela propõe que os protocolos verbais sejam uma alternativa para o desenvolvimento teórico e epistemológico dos estudos tradutórios:

Qualquer pessoa que traduza um texto é obrigada a entender o que nele está escrito (componente da compreensão do processo) e, em seguida, deve reproduzi-lo com suas próprias palavras (componente da produção). Uma vez que são esses dois fenômenos complementares que sustentam qualquer atividade de língua, nativa ou estrangeira, falada ou escrita, o que aprendemos através da pesquisa com

⁵ Minha tradução de: "... relied [...] upon external measures of internal phenomena or upon second person observation of language outcomes".

protocolos na tradução deve ajudar-nos a desvendar questões elucidativas sobre a natureza de operações cognitivas que estão por trás da compreensão e da produção e as relações que existem entre esses dois processos.⁶ (GERLOFF, 1987:137)

Após descrever o desenvolvimento de um experimento piloto, através do qual procurava estabelecer parâmetros em relação às unidades de tradução, GERLOFF conclui que os protocolos verbais foram bastante eficientes para o estudo dos processos cognitivos relativos à tradução e afirma que as descobertas iniciais daquele estudo parecem estar em consonância com pesquisas em psicolingüística, por identificarem unidades de compreensão e produção em outros tipos de discursos falados e escritos.

Protocolos verbais: críticas versus validade

Serão apresentadas, nesta seção, algumas discussões a respeito da validade dos protocolos verbais, a fim de se demonstrar a confiabilidade e pertinência desse método de coleta de dados para pesquisas empírico-experimentais em tradução.

Sabine BÖRSCH (1986), em seu artigo "Introspective methods in research on interlingual and intercultural communication", apresenta um breve histórico sobre os métodos de introspecção e também menciona alguns autores que fazem críticas ou apresentam restrições relacionadas à sua validade. Por outro lado, destaca diversos aspectos que corroboram a validade desses métodos. BÖRSCH comenta que, atualmente, a lingüística começa a utilizar os métodos de introspecção como subsídio empírico; entretanto, devido à pouca experiência dos lingüistas com a pes-

⁶ Minha tradução de: "Anyone translating a text is obliged both to understand what is written (the comprehension component to the process) and to subsequently reproduce it into their own words (the production component). Since it is these two complementary phenomena which underlie all language activity, native or foreign, written or spoken, what we learn from translation protocol research should help us to unravel elusive questions about the nature of the cognitive operations that lie behind comprehension and production, and the relationships that exist between these two processes".

quisa empírica, faz-se necessário o conhecimento sobre o desenvolvimento histórico e os problemas resultantes da utilização desses métodos. Assim, aquela autora pretende oferecer uma contribuição metodológica para as pesquisas em lingüística que utilizem os métodos de introspecção.

Como psicóloga, não diretamente preocupada com a tradução, mas com uma certa experiência em pesquisa empírica (e.g. BÖRSCH, 1982, BÖRSCH & KRUMM, 1984), gostaria de limitar minha contribuição, principalmente, ao método de introspecção como tal – um método que desempenhou um importante papel no estabelecimento da psicologia experimental e também gerou tanto a extrema aceitação como a rejeição por parte de diferentes escolas de psicologia. Diferentemente de outros métodos empíricos, como o “Fremdbeobachtung” (a observação de um objeto pelo pesquisador), que é usado nas ciências naturais e também nas ciências sociais, a introspecção é um método genuinamente psicológico.⁷ (BÖRSCH, 1986:195)

Em função do caráter psicológico dos métodos de introspecção, abre-se o precedente para uma severa crítica em relação à sua validade e confiabilidade, já que se apóiam demasiadamente na subjetividade dos sujeitos. Isto porque o objeto de estudo deixa de ser analisado exclusivamente por uma entidade externa a esse objeto, o pesquisador, e passa por uma pré-análise dos sujeitos. Para alguns críticos dos métodos de introspecção, a interferência da subjetividade dos sujeitos “contaminaria” a validade dos dados, já que não é possível conhecer grande parte dos parâmetros que direcionaram os processos de pré-análise. Em resumo, segundo essa perspectiva (por exemplo, TIRKKONEN-CONDIT, 1989 e 1991), faltaria rigor científico aos métodos de

⁷ Minha tradução de: “As a psychologist not mainly concerned with translation but with some experience in empirical research (e.g. Börsch 1982; Börsch and Krumm 1984) I would like to confine my contribution mainly to the method of introspection as such – a method that played an important role in the establishment of experimental psychology and caused either extreme consent or rejection by different schools of psychology. In contrast to other empirical methods like ‘Fremdbeobachtung’ (the observation of an object by the researcher), which is used in the natural science as well as in the social sciences, introspection is a genuine psychological method”.

introspecção e estes, efetivamente, não proporcionariam acesso ao objeto de estudo.

BÖRSCH, mencionando a perspectiva da psicologia da Gestalt, apresenta as seguintes ressalvas propostas por DUNCKER em relação a esses métodos:

- as fases intermediárias dos processos de solução de problemas devem levar, muito rapidamente, a uma solução final (Endgestalt) e não são, portanto, identificáveis como distintas desta última;
- alguns pensamentos não são verbalizados, uma vez que o sujeito, por várias razões, não os considera bem-sucedidos;⁸ (cf. DUNCKER, 1935:12, *apud* BÖRSCH, 1986:199)

BÖRSCH também apresenta alguns dos questionamentos feitos por ERICSSON & SIMON (1980) em relação às lacunas observadas nos dados obtidos através dos métodos de introspecção:

- Processos não registrados na memória de curto prazo não são relatados; estes são, por exemplo, passos detalhados de processos motores e perceptuais, freqüentemente repetidos e, portanto, automatizados.
- Quando os sujeitos “estão trabalhando sob uma pesada carga cognitiva, eles tendem a parar a verbalização ou a fornecer verbalizações menos completas.” (cf. ERICSSON & SIMON, 1980:242-244, *apud* BÖRSCH, 1986:203)

Além destas questões, BÖRSCH, através de diversos autores, levanta outras ressalvas em relação à confiabilidade dos métodos de introspecção, quais sejam: Que processos cognitivos

⁸ Minha tradução de: “ - intermediary phases of the problem-solving process may lead very quickly to a final solution (Endgestalt) and are therefore not identified as different from it; – some thoughts are not verbalized, as the subject for various reasons does not consider them successful”.

⁹ Minha tradução de: “ - Processes not recorded in short-term memory are not reported; these are for instance detailed steps of perceptual-motor processes, often repeated and therefore automated processes.
– When subjects “are working under a heavy cognitive load, they tend to stop verbalizing or they provide less complete verbalizations.”

são passíveis de introspecção? Qual a influência da verbalização sobre o andamento dos processos? O direcionamento, em relação ao tópico da verbalização, interfere nos processos? O treinamento, em relação à técnica de verbalização, altera a natureza desta?

Procurando responder algumas dessas questões, a própria BÖRSCH apresenta o seguinte comentário:

Embora esta[s] pergunta[s] não tenha[m] sido investigada[s] empiricamente por pesquisadores inclinados a perseguir abordagens qualitativas, estes argumentam que todo tipo de observação modifica a realidade (ver, e.g., Berger, 1974). Questionam, portanto, a utilidade de definições clássicas de "objetividade" e "confiabilidade". Tendo em vista o critério de "validade", preferem o que chamam de "validação comunicativa", i.e., dar aos sujeitos um novo *status*, considerando-os especialistas no que estão fazendo. Esta abordagem não faz uso de medidas objetivas. Em vez disto, focaliza a interação entre o sujeito e o pesquisador, não apenas como um fator que influencia o curso da coleta de dados, mas também na interpretação destes.

Independentemente das diferentes posições teóricas, os pesquisadores, cada vez mais, tendem a acreditar que os procedimentos de pensamento em voz alta e de auto-observação são o único modo de se acessar o que ocorre na mente dos seres humanos quando estão pensando ou agindo.¹⁰ (BÖRSCH, 1986:203)

Portanto, BÖRSCH, apesar das questões e ressalvas apresentadas, mostra-se favorável à utilização dos métodos de introspecção em pesquisas voltadas para a investigação de processos

¹⁰ Minha tradução de: "Although this question has not been investigated empirically by researchers inclined to pursue qualitative approaches, they argue that every kind of observation changes reality (see e.g. Berger 1974) and they therefore question the usefulness of classical definitions of 'objectivity' and 'reliability'. With regard to the criterion of 'validity', they prefer what they call 'communicative validation', i.e. giving the "subjects" a new status by regarding them as experts in what they are doing. This approach does not make use of objective measurement but rather focuses on the interaction between subject and researcher, not only as an influencing factor in the course of gathering data, but in the interpretation of data as well.

Independent of different theoretical positions, researchers increasingly tend towards believing that think-aloud and self-observational procedures are the only way to get access to what happens inside human beings when thinking or acting".

cognitivos relacionados ao uso de segunda língua e defende a sua validade e confiabilidade. O que aquela autora destaca é a necessidade de um melhor entendimento de tais métodos, a fim de que se faça um planejamento metodológico que proporcione a obtenção de dados pertinentes e relevantes para a compreensão mais aprofundada dos processos investigados.

Contudo, não se pretende afirmar que os protocolos verbais sejam um recurso metodológico que possibilite o acesso direto aos microprocessos lingüísticos ou inferenciais, ou mesmo à competência lingüística ou interlingüística. Por outro lado, observa-se que eles fornecem maior quantidade de dados relativos àqueles processos do que aquela obtida através da mera análise de produtos lingüísticos, permitindo, pois, uma percepção qualitativamente mais aproximada dos processos. Assim, observa-se que, com o auxílio dos protocolos verbais ou outros métodos de introspecção, o escopo e a qualidade dos produtos analisados em várias pesquisas puderam ser ampliados e, com isto, foi possível uma maior aproximação em direção aos processos.

Apesar de todas as limitações constatadas e das críticas a este método de coleta de dados, percebe-se que os protocolos verbais podem trazer grande contribuição para o estudo de determinados processos cognitivos, principalmente daqueles que não são localizados/modulares, isto é, daqueles que são globais/centrais. Uma vez que os processos centrais ocorrem, geralmente, a uma velocidade menor que a dos modulares, os primeiros estão mais sujeitos a serem apreendidos pela consciência, isto é, são passíveis de serem analisados metacognitivamente, como é o caso dos processos relacionados à competência tradutória.

Considerando a possibilidade de investigação/mensuração desses processos, a posição defendida neste trabalho é diferente da de FODOR (1983). Este último postula que um processo não localizado/modular não pode ser investigado científica ou sistematicamente. Acreditamos, por outro lado, que os métodos de introspecção possam ser uma alternativa metodológica para o estudo de processos cognitivos não-modulares, os quais são assertivamente considerados inacessíveis para FODOR (1983). Certa-

mente, esta afirmação é feita em um contexto em que o arsenal de recursos metodológicos está voltado somente para o estudo de processos automáticos e modulares. Apesar de não proporcionarem o acesso direto aos processos inferenciais, os protocolos verbais possibilitam, apoiados por um modelo teórico adequado e por provas de validade intersubjetiva, a elaboração de inferências sobre a natureza dos processos inferenciais investigados.

A seguir, será detalhado o método de coleta de dados implementado na pesquisa por mim desenvolvida.

Sobre a pesquisa realizada com voluntários da UFOP e da UFMG

Sujeitos

A pesquisa contou com a colaboração de dez voluntários, alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais) e UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais). Destes, três eram alunos do curso de graduação em Letras – Licenciatura em Língua Inglesa da FALE/UFMG que, à época, estavam cursando a disciplina **Tópicos de Língua Inglesa – Tradução**; tinham, supostamente, um nível de proficiência equivalente em língua inglesa (todos já haviam cursado, pelo menos, a disciplina Língua Inglesa IV) e nenhum deles havia tido qualquer experiência anterior com legendagem¹¹ de filmes ou com a técnica de protocolos verbais. Quatro eram alunos do curso de Letras do ICHS/UFOP e estavam cursando, ou já haviam cursado, alguma disciplina de tradução (teórica ou prática); o nível de proficiência em língua inglesa era supostamente equivalente para os quatro (todos já haviam cursado a disciplina Língua Inglesa II – totalizando 240 horas/aulas), não tendo experiência anterior com legendagem de filmes nem com a técnica

¹¹ O termo usualmente utilizado é *legendagem*, entretanto, preferiu-se aqui *legendagem* por ser o que se encontrava dicionarizado.

de protocolos verbais. Os três últimos sujeitos eram alunos do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG, com níveis de proficiência em língua inglesa semelhantes (já haviam terminado a graduação em língua inglesa), mas com diferentes níveis de experiência tradutória (dois traduziam profissionalmente e já haviam tido contato acadêmico e teórico com a tradução, enquanto que o terceiro só havia tido contatos informais com a tradução).

Materiais Utilizados

Foram utilizados os seguintes materiais para a realização do experimento: 1 aparelho de videocassete com controle remoto, 1 aparelho de TV, 1 fita de videocassete contendo a versão original, em inglês, do filme *The Fisher King* (escrito por Richard LaGravenese, dirigido por Terry Gilliam, produzido por Debra Hill e Linda Obst), duas folhas com instruções (na primeira etapa só foi usada a primeira delas; GONÇALVES, 1998: Anexo I), reprodução escrita na língua de partida (inglês) dos dois segmentos traduzidos (um para cada uma das etapas; Idem, ibidem: Anexo II), um gravador micro-cassete m-425 da marca Sony, fitas micro-cassete de áudio, um lápis, uma borracha, um dicionário bilíngüe inglês-português, um dicionário monolíngüe inglês-inglês, um dicionário monolíngüe inglês-inglês de *phrasal verbs* (ver referências bibliográficas) e dois tipos de formulários impressos para a apresentação final da tradução escrita das legendas (um para cada uma das etapas; Idem, ibidem: Anexos III e VI).

Tarefas Propostas

O experimento constou de duas etapas. Entre estas etapas, alguns dos sujeitos participaram de uma exposição verbal, em que o pesquisador apresentou algumas informações teóricas e empíricas sobre os limites impostos à tradução de legendas; quatro dos sujeitos não participaram da exposição, ficando como grupo de controle. As informações veiculadas nessa exposição

estão esquematizadas no Anexo IV de GONÇALVES (1998), que reproduz o material entregue aos sujeitos antes da respectiva exposição verbal.

Na primeira etapa do experimento, os sujeitos traduziram (do inglês para o português), em formulários próprios (GONÇALVES, 1998: Anexos III e VI), o segmento inicial (00'00" - 01'50" - transcrição no Anexo II, idem, ibidem) do filme mencionado acima, levando em consideração as instruções apresentadas pelo pesquisador (Idem, ibidem: Anexo I). Eles assistiram ao segmento destacado para ser traduzido, tendo liberdade de avançar, retroceder ou parar a exibição do mesmo quando e o quanto desejassem. Tiveram como suporte a reprodução escrita das falas dos personagens contidas no texto de partida e também puderam utilizar os dicionários disponíveis, caso sentissem necessidade. Ao traduzir, os sujeitos implementaram a técnica de protocolos verbais, isto é, emitiram impressões em relação aos processos decisórios de tradução (as instruções dadas pelo pesquisador, no início da primeira etapa do experimento, tiveram o objetivo de esclarecer as eventuais dúvidas dos sujeitos em relação a essa técnica); as verbalizações foram gravadas em fita micro-cassete. Foi estabelecido um tempo limite de duas horas para cada sujeito fazer a tradução.

Em relação às características do tipo de verbalização implementada pelos informantes nesta pesquisa, será apresentada aqui a respectiva classificação, segundo a categorização proposta por FÆRCH e KASPER (1987), descrita no início deste capítulo.

Considerando-se o objeto de introspecção (1), pode-se dizer que este: (a) é cognitivo, em oposição a afetivo ou a aspectos sociais; (b) usa o conhecimento procedimental e também o declarativo — o conhecimento procedimental é o intermediário entre o conhecimento declarativo (suposições alocadas na memória de longo prazo) e o desempenho macro-processual do sujeito; (c) combina diferentes modalidades de uso de língua (recepção *versus* produção, fala *versus* escrita); e (d) trabalha com aspectos contínuos do processo, em oposição a aspectos específi-

cos, uma vez que se pede aos sujeitos que verbalizem, o máximo possível, tudo o que pensarem e decidirem fazer ao traduzir, não delimitando o espectro da verbalização. Observa-se, nas verbalizações feitas, uma maior (+) relação com alguma ação concreta (2), em oposição à relação com ações mais abstratas, podendo estas últimas ser, eventualmente, observadas. Em se tratando da relação temporal com a ação (3), a modalidade mais observada é a verbalização consecutiva (ou retrospectiva imediata) — o sujeito verbaliza imediatamente ao realizar a ação — mas observa-se, também, a verbalização consecutiva retardada (ou retrospectiva retardada) — alguns sujeitos apresentam seus comentários após a realização de etapas maiores da ação. FÆRCH e KASPER também apresentam a verbalização simultânea — a verbalização ocorre ao mesmo tempo em que o processo focado. Entretanto, esta última modalidade de verbalização não é considerada válida para os propósitos da pesquisa, já que os processos relacionados à verbalização simultânea não se encontram disponíveis para a consciência metacognitiva, isto é, para as memórias de médio e longo prazos, mas só para a memória de trabalho. Com relação ao treino do sujeito (4), este é mínimo (-), uma vez que as instruções descrevendo e preparando o sujeito para a implementação desta técnica são dadas na hora do experimento. Os procedimentos de incentivo à verbalização (5) trazem os seguintes aspectos: (a) o grau de estruturação é pequeno, tendo em vista que o direcionamento para respostas específicas quase inexistente, sendo um pouco maior na segunda fase do experimento; (b) o auxílio externo à memória é grande (+), uma vez que os sujeitos têm à sua disposição dicionários e uma fita de vídeo com o material a ser traduzido, com liberdade irrestrita de uso; (c) a ação dá-se basicamente em função da iniciativa própria — apenas em raros casos, alguns sujeitos recorrem ao pesquisador para solucionar problemas; (d) a interação com o pesquisador, como foi comentado no item (c), é rara (-) e, entre os diferentes sujeitos, inexistente; (e) a integração entre verbalização e ação é elevada (+), o que se observa na maioria dos estudos que utilizam esta técnica; daí a necessidade da análise dos dados ocorrer dentro do contexto da

ação; e (f) a interferência da verbalização sobre a ação é maior (+) no início do experimento, reduzindo-se (-) à medida que o sujeito familiariza-se com a idéia de pensar em voz alta. Finalmente, em relação à combinação de métodos (6), pode-se dizer que é grande (+) nesta pesquisa, já que, como se comentou anteriormente, não foi feito um planejamento a fim de se produzirem modalidades específicas de verbalização em detrimento de outras. Procurou-se deixar uma grande margem de liberdade quanto ao modo de verbalização de cada sujeito, além de se utilizarem questionários de caráter retrospectivo, nos quais os sujeitos tiveram oportunidade de acrescentar comentários sobre as tarefas realizadas.

Na segunda etapa, os sujeitos traduziram (do inglês para o português), em formulários próprios (GONÇALVES, 1998: Anexos III e VI), o conteúdo verbal de outro segmento selecionado do mesmo filme utilizado na primeira etapa (03'50" - 04'32" - transcrição no Anexo II, idem, ibidem), levando em consideração as instruções apresentadas pelo pesquisador (Idem, ibidem: Anexo I). Novamente, assistiram ao segmento destacado para ser traduzido, tendo liberdade de avançar, retroceder ou parar a exibição do mesmo quando e o quanto desejassem. Tiveram como suporte a reprodução escrita das falas dos personagens contidas no texto de partida e também puderam utilizar os dicionários disponíveis, caso sentissem necessidade. Novamente, foi utilizada a técnica de protocolos verbais, como na primeira etapa do experimento. Mais uma vez, as verbalizações foram gravadas em fita micro-cassete e o tempo limite estabelecido foi também de duas horas para cada sujeito.

Após o término da segunda etapa, o pesquisador entregou a cada sujeito um questionário (Idem, ibidem: Anexo V) com questões relativas à sua formação em língua inglesa e em tradução, e às eventuais dificuldades encontradas durante o experimento.

Roteiro do Experimento

a) Nas duas etapas, o pesquisador apresentou as instruções oralmente e também deixou uma folha impressa com as res-

pectivas instruções para cada sujeito (os sujeitos realizaram o experimento em momentos diferentes).

b) Dadas as instruções, marcou-se o início da contagem de tempo. O pesquisador saiu da sala, deixando que o sujeito executasse as tarefas sem nenhum acompanhamento.

c) O pesquisador voltava à sala quando o sujeito solicitava a ele que esclarecesse alguma dúvida, quando o sujeito avisasse que havia terminado de fazer a tradução, ou quando o período de duas horas houvesse se esgotado.

Contextos Físicos

Para os sujeitos da UFMG, o experimento foi realizado na sala nº 4105, situada no quarto andar da FALE/UFMG. Naquela sala, havia uma mesa com cadeira, onde cada sujeito executou a tradução e as respectivas verbalizações diante de um *rack* com televisão e vídeo, que foi colocado do lado oposto às janelas, de modo que o movimento no corredor oposto não chamasse a atenção dos sujeitos durante a execução do experimento. A etapa intermediária (exposição de informações sobre legendação) foi ministrada aos sujeitos, na sala de aula 4069, no quarto andar da FALE/UFMG, juntamente com os outros alunos da disciplina **Tópicos de Língua Inglesa – Tradução**, no próprio horário da aula, às 8 horas do dia 18 de novembro de 1996.

Para os sujeitos da UFOP, o experimento foi realizado na então sala de vídeo do Laboratório de Pesquisa em Letras (LPL) do ICHS/UFOP, em Mariana. Naquela sala, havia uma mesa com cadeira, onde cada sujeito executou a tradução e as respectivas verbalizações, diante de um armário com televisão e vídeo. Neste caso, as janelas encontravam-se à direita do sujeito e não havia nenhum movimento que pudesse, eventualmente, chamar a atenção dos sujeitos. A etapa intermediária (exposição de informações sobre legendação) foi ministrada naquela mesma sala, às 14 horas do dia 20 de novembro de 1996.

A Justificativa do Método

Em Relação aos Sujeitos

Na escolha do número de sujeitos (dez, neste caso), levou-se em conta um número que pudesse apresentar resultados significativos e que fosse operacionalmente viável para o dimensionamento da pesquisa. Quanto ao perfil dos sujeitos, procurou-se, inicialmente, trabalhar somente com alunos de graduação da UFMG que estivessem cursando a disciplina de tradução mencionada acima. Entretanto, isto não foi possível, já que, naquele grupo, somente três alunos tiveram disponibilidade para participar. Desta forma, procuraram-se outros voluntários no Curso de Letras da UFOP. No Instituto de Ciências Humanas e Sociais daquela Universidade, existe um curso de Bacharelado em Tradução. Nesse caso, quatro voluntários participaram como sujeitos. Como não se conseguiram mais sujeitos que estivessem cursando disciplinas de tradução, optou-se por chamar voluntários que já tivessem tido algum contato com tradução. Assim, os últimos sujeitos foram três alunos do Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, dois dos quais com experiência prática e teórica em tradução, e o terceiro, por outro lado, sem experiência formal como tradutor.

Como se vê, não foi alcançado um perfil homogêneo em relação ao que se pode chamar de competência tradutória para os sujeitos. Mesmo em relação à competência linguística na língua de partida, que se pretendeu supostamente semelhante, observou-se uma significativa variabilidade no desempenho dos sujeitos. Esta heterogeneidade, indesejada inicialmente, não representou um problema, uma vez que a avaliação de parâmetros como competência linguística e tradutória é difícil de ser feita de forma rigorosa. Assim, pressupõe-se a heterogeneidade dos sujeitos dentro de um espectro um pouco mais amplo do que o da homogeneidade idealizada inicialmente, uma vez que todos os dez sujeitos, supostamente, tinham

um nível mínimo de proficiência na língua de partida (inglês), pelas próprias exigências curriculares dos respectivos cursos. Nove deles já haviam tido contato teórico e/ou prático com a tradução em diferentes níveis, mas nenhum dos dez havia tido contato com a tradução de legendas de filmes, nem com a técnica de protocolos verbais.

O grupo de controle foi idealizado para que se avaliasse o grau de influência, sobre os processos inferenciais, das informações teóricas e empíricas expostas na etapa intermediária do experimento, isto é, para que se verificasse até que ponto aquelas informações realmente interfeririam nos processos inferenciais e, em consequência disto, nas características da priorização/omissão de informações na legendação empreendida pelos diferentes sujeitos.

Em Relação aos Materiais Utilizados

Os materiais foram escolhidos procurando simular, tanto quanto possível, as condições reais de legendação de filmes: os formulários utilizados reproduzem o padrão ideal de legenda para a TV (regra dos seis segundos proposta por d'YDEWALLE et al, 1987), com 64 caracteres em legendas de 2 linhas, correspondendo a 32 caracteres por linha; na segunda etapa do experimento, a introdução da variável 'sincronia' teve o objetivo de acrescentar um elemento crucial para a legendação de filmes, a fim de que se observassem seus efeitos em relação à natureza das inferências e das tomadas de decisão por parte dos sujeitos; a utilização de lápis, ao invés de caneta, teve o objetivo de facilitar as eventuais correções que os sujeitos quisessem fazer no texto de chegada; o gravador micro-cassete apresentou a vantagem de gravar uma hora de cada lado da fita, isto é, duas horas de gravação por fita, o que não seria possível com os gravadores de tamanho convencional; as folhas de instruções, para eventuais consultas, foram deixadas, uma vez que as instruções dadas pelo pesquisador poderiam ser esquecidas, ou mesmo não terem ficado muito claras (os sujeitos não tinham familiaridade com os procedimentos pro-

postos); os três dicionários foram selecionados a fim de cobrirem um amplo espectro de eventuais problemas lexicais e pragmáticos com a língua de partida.

Na escolha do filme e dos trechos deste, foram levados em consideração os seguintes aspectos: a) optou-se por um filme que apresentasse situações com densidade verbal relativamente alta, que levassem os sujeitos a empreender processos de priorização/omissão de informações durante a tradução; b) os trechos selecionados foram bastante curtos, para que os sujeitos tivessem tempo suficiente para empreender a tradução refletindo, com maior profundidade, sobre os processos de tomada de decisão e solução de problemas, o que aumentaria a possibilidade de se perceberem evidências sobre os processos inferenciais enfocados; e c) escolheram-se dois trechos no início do filme, tendo em vista que a eventual utilização de trechos posteriores poderia ocasionar perda de informação contextual para os sujeitos que não tivessem visto o filme antes.

Em Relação às Tarefas Propostas

As tarefas foram idealizadas a fim de que os sujeitos tivessem um breve contato com o contexto da tradução de legendas de filmes. Através da técnica de protocolos verbais, isto é, através das verbalizações implementadas durante o experimento, pretendeu-se obter indícios sobre processos inferenciais e sua influência sobre a priorização/omissão de informações na produção do texto de chegada. A exposição apresentada entre as duas etapas do experimento teve o objetivo de interferir no ambiente cognitivo do sujeito, isto é, no contexto a partir do qual se traduzia, para que se avaliassem as alterações quantitativas e qualitativas, principalmente, em relação a priorização/omissão de informações.

Em relação às instruções dadas em cada uma das duas etapas (conforme pode-se observar no Anexo I de GONÇALVES, 1998), é importante destacar o seguinte: 1) “a tradução deve ser

feita nos formulários próprios” – procurou-se, com esta instrução, apresentar uma situação semelhante a da tradução de legendas; 2) “não separar as palavras em sílabas” – através da observação de grande número de filmes legendados, constatou-se que esta prática não é usual, certamente, por dificultar a leitura; 3) “marcar a mudança de interlocutor com travessão, quando na mesma legenda” – esta instrução foi feita em função de observações empíricas de filmes legendados em geral; 4) “ser conciso, o máximo possível” – com esta instrução, procurou-se apresentar uma das orientações básicas da tradução de legendas, chamando a atenção para as conseqüências da não observância desta orientação; 5) “não traduzir a ficha técnica apresentada no início do filme” – geralmente o conteúdo da ficha técnica não é traduzido e, dada a limitação de tempo, preferiu-se, de antemão, desincumbir os sujeitos de traduzi-la, já que não se vislumbrou nenhum elemento significativo para esta pesquisa a partir da sua eventual tradução; 6) “verbalize o máximo que puder, com o mínimo de censura interna” – com relação a esta instrução, pretendeu-se mostrar aos sujeitos os reais objetivos desta pesquisa, inclusive explicando-lhes como os dados seriam trabalhados, a fim de que os mecanismos de censura interna não interferissem demasiadamente sobre o processo investigado (neste item, também foram apresentadas instruções em relação à operação do gravador); 7) “utilizar os dicionários caso sinta necessidade” – esta instrução parece redundante, já que os dicionários encontravam-se sobre a mesa em que os sujeitos estavam trabalhando, mas foi incluída porque as instruções impressas serviram de roteiro para a orientação apresentada verbalmente pelo pesquisador; 8) “fazer a tradução a lápis” – o objetivo desta instrução foi facilitar as eventuais correções que o sujeito fizesse ao longo do experimento e evitar a perda de tempo com a tarefa de passar o texto de chegada a limpo à caneta; e 9) “tempo limite de duas horas” – esta instrução teve o objetivo de determinar um limite para a execução do experimento e, conseqüentemente, induzir o sujeito a estabelecer estratégias de planejamento e execução para a tradução.

Em relação às instruções exclusivas para a segunda eta-

pa, podemos observar o seguinte: 1) “observar as mesmas instruções dadas na primeira etapa” – esta instrução foi apresentada a fim de remeter os sujeitos à folha de instruções da primeira etapa, que estava à disposição também na segunda etapa e que foi, novamente, apresentada verbalmente pelo pesquisador; 2) “marcar a entrada e saída das legendas no espaço próprio do formulário” – introduziu-se, assim, o fator “sincronia”, que não fora considerado de forma sistemática na primeira etapa (informações a respeito desta variável foram previamente veiculadas através da exposição feita pelo pesquisador aos sujeitos, excluindo-se os que fizeram parte do grupo de controle); e 3) “lembrar que, ao verbalizar, você estará explicitando processos decisórios de tradução” – com esta instrução, pretendeu-se sensibilizar os sujeitos para a importância da verbalização para a percepção dos processos investigados, procurando reduzir ainda mais o nível de censura interna.

O questionário, entregue após o término da segunda etapa do experimento, teve o objetivo de levantar alguns aspectos relativos à competência lingüística dos sujeitos na língua de partida e outros relativos à competência tradutória. Serviu também como parâmetro de aferição para algumas informações obtidas através das verbalizações.

Em relação aos Contextos Físicos

Na escolha dos ambientes (contextos físicos) utilizados para o experimento, foram levados em consideração os seguintes aspectos: operacionalização (era necessário um local onde houvesse disponíveis os equipamentos necessários ao experimento, ou para onde pudessem ser levados, e que estivesse disponível nos momentos em que os sujeitos fariam as traduções); e privacidade (era necessário um local onde houvesse um determinado nível de isolamento acústico a fim de que o sujeito ficasse suficientemente à vontade para implementar as verbalizações). As duas salas escolhidas, uma na FALE e outra no ICHS, atenderam a estas especificações.

A seguir, serão apresentadas algumas amostras dos dados obtidos na pesquisa, além de alguns aspectos da análise e dos resultados.

Alguns Resultados e Análises

Como dados primários, a pesquisa obteve o seguinte: a transcrição de 20 sessões de verbalização, 2 para cada um dos sujeitos (uma em cada etapa), os formulários com as traduções, que foram posteriormente digitados para quantificação dos dados, o registro da data e do tempo despendido em cada sessão, os dez questionários (um de cada sujeito), além dos textos de partida. A partir das transcrições, foi possível estabelecerem-se categorias relacionadas aos diversos processos envolvidos nas tarefas executadas, que já seriam consideradas dados secundários: total de palavras verbalizadas (PV), palavras verbalizadas em relação ao texto de partida (PTP), palavras verbalizadas em relação ao texto de chegada (PTC), palavras verbalizadas em comentários (PC), o número de vezes que se recorreu ao filme (F) e o número de vezes que se recorreu aos dicionários (D). A seguir, reproduz-se a tabulação desses dados.

TABELA III - DADOS SOBRE AS VERBALIZAÇÕES

| Sujeito | ETAPA 1 | | | | | | | ETAPA 2 | | | | | | |
|---------|---------|-------|--------------|----------------|----------------|-------|-------|---------|-------|--------------|----------------|----------------|-------|-------|
| | T | PV | PTP | PTC | PC | F | D | T | PV | PTP | PTC | PC | F | D |
| 1 | 02:05 | 2.518 | 428 (17%) | 1.301 (52%) | 963 (38%) | 48 | 17 | 01:57 | 5.347 | 547 (10%) | 2.370 (44%) | 2.541 (48%) | 46 | 9 |
| 2 | 01:19 | 3.908 | 364 (9%) | 730 (19%) | 2.942 (75%) | 15 | 3 | 00:54 | 3.019 | 183 (6%) | 292 (10%) | 2.587 (86%) | 8 | 3 |
| 3 | 01:55 | 2.278 | 118 (5%) | 1.637 (72%) | 576 (25%) | 14 | 8 | 00:55 | 1.340 | 274 (20%) | 512 (38%) | 570 (43%) | 22 | 4 |
| 4 | 02:00 | 2.053 | 411 (20%) | 1.514 (74%) | 221 (11%) | 13 | 15 | 01:10 | 1.903 | 479 (25%) | 833 (44%) | 705 (37%) | 20 | 9 |
| 5 | 00:37 | 776 | 114 (15%) | 346 (45%) | 397 (51%) | 28 | 1 | 00:26 | 561 | 111 (20%) | 115 (21%) | 337 (60%) | 21 | 0 |
| 6 | 01:53 | 1.324 | 119 (9%) | 101 (8%) | 1.136 (86%) | 9 | 4 | 01:20 | 1.162 | 46 (4%) | 296 (25%) | 824 (71%) | (?) 2 | (?) 0 |
| 7 | 01:45 | 1.743 | 311 (8%) | 1.247 (60%) | 1.387 (34%) | 22 | 16 | 01:01 | 1.995 | 196 (6%) | 282 (39%) | 1.153 (56%) | 30 | 12 |
| 8 | 01:23 | 2.715 | 101 (4%) | 1.255 (47%) | 1.301 (51%) | 13 | 4 | 01:25 | 2.193 | 162 (5%) | 512 (27%) | 1.743 (79%) | 33 | 4 |
| 9 | 00:55 | 3.188 | 387 (12%) | 1.031 (32%) | 1.889 (59%) | 9 | 1 | 00:45 | 3.637 | 441 (12%) | 601 (17%) | 2.757 (76%) | 27 | 3 |
| 10 | 01:05 | 0 | 0 | 0 | 0 | (?) 2 | (?) 0 | 00:39 | 0 | 0 | 0 | 0 | 19 | (?) |

(GONÇALVES, 1998:68)

TABELA IV - DADOS SOBRE O TEXTO DE CHEGADA

| Sujeito | ETAPA 1 | | | | | ETAPA 2 | | | | |
|---------|---------|----------|--------|----------|------------|---------|----------|--------|----------|------------|
| | folhas | legendas | linhas | palavras | caracteres | folhas | legendas | linhas | palavras | caracteres |
| 1 | 2 | 14 | 28 | 1941 | 10377 | 2 | 10 | 17 | 83 | 477 |
| 2 | 3 | 21 | 41 | 160 | 910 | 1 | 6 | 12 | 52 | 297 |
| 3 | 4 | 25 | 48 | 185 | 1.064 | 2 | 8 | 14 | 63 | 314 |
| 4 | 3 | 21 | 41 | 182 | 1.027 | 1 | 7 | 13 | 60 | 354 |
| 5 | 3 | 19 | 37 | 155 | 865 | 1 | 5 | 10 | 48 | 286 |
| 6 | 2 | 15 | 30 | 124 | 695 | 1 | 5 | 10 | 43 | 266 |
| 7 | 4 | 27 | 44 | 213 | 1.214 | 2 | 10 | 20 | 98 | 581 |
| 8 | 5 | 27 | 46 | 168 | 902 | 2 | 10 | 13 | 53 | 285 |
| 9 | 4 | 23 | 46 | 191 | 1.069 | 2 | 9 | 14 | 60 | 347 |
| 10 | 4 | 25 | 41 | 172 | 946 | 2 | 12 | 15 | 58 | 341 |

(GONÇALVES, 1998:68)

A partir da tabulação dos dados, foi desenvolvida uma análise estatística utilizando a metodologia do **Teste-T de Student** (WOODS et al, 1986), que verifica se duas médias são significativamente distintas. O valor que foi submetido à análise estatística foi a relação entre o número de caracteres do texto de chegada e o número de caracteres do texto de partida (este último tendo um valor fixo). Devido às restrições impostas à tradução de legendas de filmes, o texto de chegada mais conciso é considerado o mais adequado, obviamente não se levando em consideração os outros aspectos semânticos e pragmáticos. A partir da análise estatística, constatou-se que não houve uma variação significativa entre o desempenho dos dois grupos na primeira ou na segunda etapa; entretanto observou-se uma variação estatisticamente significativa **apenas** para o comportamento do grupo principal (o que foi exposto às informações sobre legendação antes da segunda etapa).

O fato de não se verificar uma diferença significativa entre os dois grupos na segunda etapa não invalida a hipótese de que o “treinamento” gerou uma interferência no comportamento do grupo principal em função da variação da competência tradutória geral e específica em legendação daqueles sujeitos. Como se comentou acima, houve uma variação no comportamento do grupo principal da primeira para a segunda etapa e, ainda que tal variação não tenha sido suficientemente significativa para distinguir os dois grupos na segunda etapa, os resultados sinalizam uma tendência a favor da hipótese.

Na discussão dos resultados, observou-se que os fatores utilizados como diferenciadores dos dois grupos foram **fracos**. Ainda que se tenha tentado controlar as outras variáveis de forma sistemática, isto não foi suficiente para tornar a variável enfocada fortemente diferenciadora para o comportamento dos dois grupos, já que o “treinamento” aplicado teve o efeito de fazer com que os sujeitos do grupo principal implementassem muito mais *conhecimentos declarativos* do que *conhecimentos procedimentais* (cf. FÆRCH & KASPER, 1987) em relação à competência tradutória em legendação. Os *conhecimentos procedimentais* são aqueles que efetivamente contribuiriam para a solução de problemas específicos. Os *conhecimentos declarativos* representam a base para o desenvolvimento dos *procedimentais*, mas as tarefas desenvolvidas no experimento da pesquisa de Gonçalves geraram uma diferenciação pequena nestes últimos, o que significa um aumento relativamente pequeno nas competências em questão.

Conclusões

Como se pôde observar pelas discussões desenvolvidas sobre a pesquisa apresentada, a técnica de protocolos verbais mostra-se uma valiosa ferramenta metodológica para a coleta de dados em pesquisas que pretendem obter uma maior quantidade e qualidade de dados relativos a processos cognitivos, em especial àqueles envolvidos na tradução. Ainda que os protocolos não sejam uma radiografia dos processos estudados, verificou-se que a sua utilização permite a percepção de aspectos cognitivos que, com a análise exclusivamente fundamentada em produtos (textos), seria inviável. Além disto, os protocolos permitem aos pesquisadores maior profundidade e confiabilidade nas observações e análises desenvolvidas. Assim, a conjugação dos protocolos verbais com outras metodologias, para a obtenção de dados nas pesquisas em tradução, parece ser um caminho promissor para o aprofundamento da compreensão dos processos tradutórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, H. *Untersuchungsmethode and soziale Wirklichkeit*. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.
- BÖRSCH, S. Introspective methods in research on interlingual and intercultural communication. In: HOUSE, J. & BLUM-KULKA, S. (Ed.). *Interlingual and intercultural communication: discourse and cognition in translation and second language acquisition studies*. Tübingen: Narr, 1986.
- BÖRSCH, S. *Fremdsprachenstudium – Frauenstudium?* Tübingen: Stauffenberg, 1982.
- BÖRSCH, S. & KRUMM, H.-J. *Fremdsprachenunterricht an der Hochschule*. Alsbach: Leuchtturm Verlag, 1984.
- COHEN, A. Studying second-language learning strategies: how do we get the information? *Applied Linguistics*, s.l. n. 5, p. 101-112, 1984.
- COHEN, A. & HOSENFELD, C. Some uses of metalinguistic data in second language research. *Language Learning*, s.l. n. 26, p. 45-66, 1981.
- COHEN, A. Studying second-language learning strategies: how do we get the information? *Applied Linguistics*, s.l. n. 5, p. 101-112, 1984.
- COHEN, A. & HOSENFELD, C. Some uses of metalinguistic data in second language research. *Language Learning*, s.l. n. 26, p. 45-66, 1981.
- COURTNEY, R. *Longman dictionary of phrasal verbs*. Essex: Longman, 1983.
- DUNCKER, K. *Zur Psychologie des produktiven Denkens*. Berlin: Springer, 1935.
- D'YDEWALLE, G. et al. Reading a message when the same message is available auditorily in another language: the case of subtitling. In: O'REGAN, J. K. & LÉVY-SCHOEN, A. (Ed.). *Eye movements: from physiology to cognition*. North-Holland: Elsevier Science Publishers B. V. 1987. p. 313-321.
- ERICSSON, K. A. & SIMON, H. A. Verbal reports as data. *Psychological Review*, s.l. n. 87, p. 215-251, 1980.
- FÆRCH, C. & KASPER, G. From product to process: introspective methods in second language research. In: _____ (Ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 3-23.
- FODOR, J. A. *The modularity of mind*. Cambridge: MIT, 1983.
- GERLOFF, Pamela. Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think aloud protocol data. In: FÆRCH, C. & KASPER, G. (Ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 135-158.
- GONÇALVES, J. *Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância*. Belo Horizonte: 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- HÖLSCHER, A. & MÖHLE, D. Cognitive plans in translation. In: FÆRCH, C. & KASPER, G. (Ed.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p. 113-134.
- HOUAISS, Antônio. *Webster's – dicionário inglês-português*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- HUBER, G. L. & MANDL, H. (Ed.). *Verbale Daten*. Beltz: Weinheim and Basel, 1982.
- LaGRAVANESE, R. *The Fisher King*. (filme dirigido por Terry Gilliam, produzido por Debra Hill e Linda Obst) s.l. Tri-Star Pictures, s.d.
- LONGMAN DICTIONARY OF ENGLISH LANGUAGE AND CULTURE*. Essex: Longman, 1992.
- TIRKKONEN-CONDIT, S. & S. CONDIT (Ed.). *Empirical studies in translation and linguistics*. Joensuu, 1989.
- TIRKKONEN-CONDIT, S. (Ed.). *Empirical research in translation and intercultural studies*. Tübingen, 1991.
- WILENSKY, R. Meta-planning: representing and using knowledge about planning in problem solving and natural understanding. *Cognitive Science*, s.l. n 5, p. 197-233, 1981.
- WOODS, A. et al. *Statistics in language studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.